

GALERIA DOS ASES

CANARIO

DO SPORTING

(foto Nunes d'Almeida)

1\$50

Stadium

N.º 17 \ 31 de Março de 1943



A actual direcção da Federação Portuguesa de Esgrima está a ser muito mal ajudada pelas Salas de Armas — e pelos esgrimistas. Tencionamos focar o assunto, em relação aos seus vários aspectos, com a amplitude que merece.

Por agora, queremos somente lamentar o facto de não ter podido disputar-se o torneio oficial de sagundas categorias de florete, por falta de concorrentes. E como se sabe que estes existem, na referida categoria, em número apreciado — tal facto só deve atribuir-se à pouca dedicação de que o desporto das armas é objecto. Não está certo!

ESCREVE-NOS uma leitora — e parece-nos ser a segunda vez que uma senhora nos fala do caso — para nos dizer que não compreende por que motivo se designam por «amigáveis» os jogos de futebol disputados extra-campeonatos.

E pergunta: usão por acaso jogados entre inimigos, ou com espírito de inimizade, os desafios oficiais?»

Tem razão a nossa correspondente. O termo também já ferira a nossa sensibilidade — e parece-nos que devia ser substituído por outro mais apropriado ao espírito que deve presidir a todas as manifestações do desporto.

TEM sido grande, nos últimos anos, o desenvolvimento dos desportos de patinagem, consequência de bem orientada campanha de propaganda e da construção de «rink» através do País. E ainda há bem pouco tempo Lisboa festejou a inauguração de mais um recinto do género, por iniciativa do antigo desportista e nosso amigo sr. Alfredo de Sousa. Pois o Barreiro — que já tinha um «rink» no estádio de Santa Bárbara, propriedade do Unidos, vai passar a contar com outro recinto: este, agora, do F. C. Barreirense, a inaugurar no dia 11 de Abril, por ocasião das comemorações do 33.º aniversário da popular colectividade da margem sul do Tejo. E um acontecimento que merece assinalar-se, pelo que representa de benefícios para os desportos no Barreiro.

EM um dos primeiros números desta nova série de «Stadium» demos aos nossos leitores ocasião para pôrem à prova a sua inclinação para jornalistas...

Queremos fazer referência ao cantinho que prometemos reservar a quantos, dentro das normas que indicámos, quisessem abalançar-se à tentativa de nos dizerem algo do que ferira a sua atenção ou excitara a sua curiosidade.

E chamámos ainda a atenção das nossas leitoras para o muito interesse que tínhamos em receber as suas impressões, comentários ou juízos sobre o «pão nosso de cada dia» das coisas desportivas.

Ora voltamos a falar neste assunto porque queremos focar dois pormenores a ele ligados: a falta de espaço — e, sejamos sinceros — o pouco relevo dos trabalhos que recebemos — que não deram ainda ao a que apparecesse preenchido o cantinho que prometemos...

Mas como as nossas condições de vida se vão modificando em progresso bem agradável de registar, chegou o momento de repetir: leitores, mãos à obra — e um pouco de brio...

Assistência médica no desporto

ÉIS um problema vital — este — que, pela sua transcendência e importância, não pode, evidentemente, ser tratado em simples artigo — mas em inúmeros artigos... É o que «Stadium» vai fazer, começando em breve a publicação de vários crónicas de divulgação de métodos aplicáveis na circunstância, subscritas por pessoa entendida na matéria.

Por isso o mesmo soubemos — com sumo agrado — que o sr. dr. Manuel de Mesquita Guimarães Júnior ia preferir uma conferência na Sociedade de Geografia de Lisboa, com o título acima. E, apesar de não termos recebido convite, lá estivemos! Ouvimos — e aprendemos. Porque o assunto era realmente interessante e de vasto alcance, «Stadium» não podia — nem devia — alhear-se dele...

O sr. dr. Mesquita Guimarães — um novo talentoso e sabedor — mostrou conhecimento ao abordar tão momentoso e difícil assunto, como este é. E as suas considerações tiveram fundamento e base — à base de uma perfeita exposição de idéias, que só pessoa habilitada poderia ter feito como o fez o ilustre conferencista. Desde a acção preventiva — e primitiva! — até ao tratamento científico do candidato a desportista, tudo foi muitíssimo bem apresentado: um verdadeiro tratado da ciência médica ao serviço do desporto. Mas a conferência tinha — e nem podia deixar de ter — um fim: demonstrar a acção da «Mocidade Portuguesa» neste capitulo, uma organização quasi perfeita e a caminho de completar-se, tendo em vista as necessidades imperiosas do meio e a carência de técnicos especializados, conforme acentuou o dr. Mesquita Guimarães numa das partes do seu trabalho.

Pôs-se em equação o sistema adoptado no estrangeiro com aquilo — e muito é já — que se faz em Portugal. E disse-se que lá fora o treino dos atletas desde sempre foi acompanhado por médicos; aqui nem sempre assim tem sucedido, embora, nos ultimos tempos e por via de acção persistente de entidades ligadas ao desenvolvimento da educação física, se procurasse «regularizar cientificamente o desporto, estudando as suas diversas modalidades e exercendo salutar obra de selecção».

A alimentação do atleta em todos os seus pormenores; o aspecto terapêutico e de orientação do desportista; e o exame prévio das suas aptidões físicas — quantos doentes não praticam, condenâ velmente, o desporto!; o perigo do contágio — foram problemas ventilados com saber pelo conferencista. E o paralelo estabelecido entre a acção de amadores e de profissionais, a vigilância nos treinos, os tratamentos subsequentes às lesões sofridas na emergência, as indicações necessárias para a consequente fiscalização, deveres e direitos do praticante e do orientador, a missão dos médicos de clubes — enfim, matéria vasta e complexa que o conferencista desenvolveu de modo compreensível, sem os termos bombásticos empregados nos alfarábios científicos.

ANO XI — LISBOA, 31 DE MARÇO DE 1943 — II SÉRIE-N.º 17

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE DE ESTADOS G. CAS. LDA

REDACÇÃO E ADMINISTR. : T. Cidadão João Gonçalves, 3
Telefone 51146 LISBOA

Gravura e impressão : LITHOGRAVURA, LTD
Composição e impressão tipográfica na GRÁFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

VÃO a Espanha, ao que parece, os «rugbyistas do Belenenses». De todas as recentes pugnas entre espanhóis e portugueses, apenas os ciclistas fizeram séria pirraça. O caso de Beni já foi falado...

Em bilhar, perdemos com certo estrondo — e o facto apaixonou a Lisboa desportiva. Ferraz, vencido por Boffill em condições que já relatámos, foi um grande vencido; mas, em todo o caso, não ganhou — que era o que pretendia. Os «rugbyistas» também não devem ambicionar grandes resultados — desportivos e imediatos.

Mas não se queira com isso pensar que as nossas palavras de algum modo põem reserva na necessidade ou vantagem dessa deslocação.

Mesmo perdendo, os nossos atletas alguma coisa lucrarão. O «rugby» não tem tido entre nós a regularidade e organização que fazem sérias estas coisas desportivas. Tem vivido perfeitamente aos sações. Há tempo, parecia querer consolidar-se como actividade desportiva capaz de viver uma vida própria, mas todas as esperanças se finaram. Depois de alguns anos de recolhimento voltou, de novo, a mostrar-se...

Se a iniciativa belenense tomar vida, bem pode esperar-se que o «rugby» conquiste, definitivamente, o favor do público — e venha a ser, em prazo relativamente curto, alguma coisa que se veja.

Até por isso nos parece vantajosa a viagem dos atletas belenenses às terras da vizinha Espanha.

O Paço de Arcos H. C., uma colectividade nova mas progressiva e que tem orientado a sua acção no melhor sentido, conquistou o seu primeiro grande triunfo: o Campeonato de Portugal de hockey em patins. E o justo prémio de alguns anos de trabalho e a compensação para a tarefa conjunta de dirigentes e jogadores. Saudando o clube de Paço de Arcos, desejamos-lhe sinceramente as maiores felicidades.

ABUSA-SE muito, entre nós, e particularmente no meio desportivo, da palavra «glória»...

Todos os grupos e todos os homens passam a ser, ao cabo de alguns anos ou depois de certas vitórias, alvo do adjectivo «gloriosos».

Tal exagério feriu a nossa atenção precisamente porque o termo poderá parecer, por vezes, pouco expressivo para pessoas ou colectividades que o mereçam de sobejo.

Temos, por exemplo e ao acaso, o velho Gimnásio Clube Português: com tão notável e útil obra, produzida corajosa e desinteressadamente em 68 anos de ininterrupta actividade, não merece a «gloriosa» associação mais do que o estafado qualificativo?

A imprensa diária trouxe-nos a notícia da morte de Hans von Tschammer und Osten, que presidia há dez anos aos destinos do desporto alemão.

Ocupando o elevado cargo de secretário de Estado, foi o grande organizador dos Jogos Olímpicos de Berlim, devendo-lhe a Alemanha, pela sua decidida acção, muitos dos notáveis êxitos que registou nas belas jornadas de 1936.

Será difícil preencher o lugar que fica vago entre os mais destacados dirigentes do desporto na Alemanha.

NO terceiro programa das desforras todos os vencedores da primeira volta, com excepção do Benfica, «confirmaram», a maioria até por diferenças de «cores» semelhantes. Comparem-se os resultados, indicando-se entre parêntesis os da primeira mão:

Vitória-Benfica: 5-1 (3-8)
U. de Lisboa-Sporting: 2-4 (3-4)
Belenenses-Académica: 2-0 (4-2)
F. C. Pôrto-Leixões: 5-1 (4-0)
U. do Barreiro-Olhansense: 4-5 (1-5)

Dos grupos que se exibiram em casa, apenas os dois Unidos perderam. Os restantes visitados ganharam.

A classificação ficou, pois:

	J.	V.	E.	D.	«Goals»	P
Benfica	12	10	—	2	51-24	20
Sporting	12	9	1	2	42-25	19
Belenenses	12	9	—	3	49-14	18
Olhansense	12	5	2	5	30-30	12
Unidos	12	5	1	6	50-39	11
Vitória (*)	11	4	2	5	27-44	10
Académica	12	4	2	6	38-27	10
Pôrto.	12	4	2	6	29-41	10
Unidos (Bar.)	12	3	—	9	39-54	8
Leixões (*).	11	—	2	9	10-48	2

(*) — Têm um jogo em atraso.

Situações que se esclarecem

Os três «grandes» de Lisboa, precisamente aqueles que, desde o primeiro dia da prova, reúnem maior número de favoritismos, começam a distanciar-se nitidamente dos restantes concorrentes, mantendo, entre si, a dúvida pelo desfecho da competição. Os outros sete podem continuar a ter, como até aqui, influência na disposição do afamado trio, com a certeza, porém, de que nenhum se conseguirá colocar, já, entre aqueles três — um dos quais será, indubitavelmente, o campeão nacional de 1943.

O segundo deslize do Benfica, (previsto, ainda que a sua clareza surpreendesse) criou novo alento nas hostes dos seus mais directos competidores.

Na situação actual — já qualquer deles pode conquistar o título sem a ajuda dos «vizinhos»... Basta que não perca, aspiração que, aliás, não parece de fácil satisfação... Lembremo-nos que, além de terem de bater-se entre si, num torneio directo que na primeira volta terminou com igualdade, qualquer dos três da cabeça da classificação tem, ainda, visitas difíceis a cumprir. O Benfica irá ao Porto e a Coimbra; o Sporting a Coimbra e a Olhão; o Belenenses, sem sair da cidade, aos dois campos do Lumiar.

As revelações da prova

O Olhansense e o Vitória de Guimarães podem considerar-se as revelações do torneio. O primeiro dos dois continua a defender, brilhantemente, o seu significativo quarto lugar. Mas se os campeões do Minho têm completado o seu encontro com o Leixões, deviam estar agora, naturalmente, com o mesmo número de pontos que os algarvios, isto é, à frente do Unidos lisboeta, do consagrado Futebol Clube do Porto e da valorosa equipa dos estudantes.

Seja qual for a disposição final do quadro da classificação, já não podem desmerecer das homenagens da crítica os representantes das duas províncias mais opostas.

O moral, grande trunfo

O herói da jornada foi incontestavelmente o grupo de Guimarães. Não por ter vencido o

FUTEBOL

O BENFICA

tem mais próxima a vizinhança pouco agradável do SPORTING E DO BELENENSES

«leader», tal como já fizera, antes, ao Pôrto e ao Belenenses. Mas, especialmente, pelo expressivo resultado que construiu, infligindo aos encarnados de Lisboa a sua maior derrota dos últimos tempos. Depois de ter perdido com o Sporting na jornada da inauguração do torneio, o Vitória vimaranense não voltou a perder no seu campo. A equipa encheu-se de moral, é certo, e rebusteceu-se; mas, além do moral, que é trunfo poderoso, há outros predicados que contribuem para que tenha batido o pé aos mais consagrados: o seu progresso técnico é um deles. E que assim é prova-o a naturalidade, o à-vontade, a justiça com que, agora, desfeiteou, tão amplamente, o «team» que não perdeu ainda o primeiro lugar.

Vantagem que se reduz

O Benfica não teve talento para tornar o obstáculo que se previa constituir o jogo de Guimarães. Sucumbiu, e de tal modo que não encontrará facilmente

atenuantes para explicar o precalço. O conjunto desafiou-se em frente do entusiasmo, não isento de valor, dos adversários. Chegou a repôr o empate, mas quando atingiu o intervalo já estava irremediavelmente batido. Os desentendimentos da defesa, já evidenciados em encontros anteriores, foram, desta vez, fatais. E porque a linha média valeu menos do que habitualmente, o tropeção era inevitável...

E verdade que o «team» ainda não perdeu o título que ostenta desde a época passada. Mas, com este segundo revés, o Sporting e o Belenenses exultaram e viram reduzir-se a desvantagem. E esta vizinhança não pode ser agradável aos «encarnados», ainda que sejam forçados a reconhecer que o interesse pela prova beneficiou.

Ainda não foi desta...

O Sporting também disputava, no seu antigo campo da alameda das linhas de Torrões, um encontro difícil. O «team» tem oscilado demasiadamente. O Unidos, pelo

contrário, vem afirmando progresso. Onde o prever-se que os unionistas podiam ir alcançar a sua primeira vitória de sempre sobre os leões. Mas ainda não foi desta...

O Sporting acautelou-se, não manifestou abalo pelo primeiro tento sofrido e acabou por ganhar com merecimento e nitidez. É certo que, em grande período do segundo tempo, após o 3-1, o grupo «leonino» baixou sensivelmente, em especial no ataque. Mourão magouou-se, Armando Ferreira acusou falta de fôlego e Daniel recuou para quarto médio. Apenas «ficaram» à frente Peyroteo e Cruz. Os médios desacertaram o passo, mas os elementos do trio defensivo, num despie de «bem jogar», bastaram para fazer frente ao Unidos, que noutras ocasiões, mais do que nesta, tem merecido a vitória sobre os «leões» — que continua a negar-se-lhe...

Seis «goals» de espectáculo

O primeiro tempo do desafio do Lumiar-A foi bastante bom. Jogou-se com rapidez e entusiasmo e agradável toada técnica. Depois, como já dissemos, o Sporting fraquejou e o Unidos também não soube tirar partido desse afrouxamento.

Os seis «goals» marcados e a maneira como êles foram feitos, bastariam, porém, para valorizar o desafio: o primeiro, de Tangaño, pela rapidez; o segundo, de Cruz, pela atenção da recarga; o seguinte, de Daniel, pela habilidade do remate; o primeiro de Peyroteo, a seguir ao descanso, pela oportunidade; o outro, de Gralho, pela colocação do pontapé, e o último, também de Peyroteo, pela força.

Individualmente, merecem destaque: Eduardo Santos, Cardoso e Barrosa (êste deve, mesmo, ter feito um dos melhores jogos da sua carreira) e Lourenço, o jovem médio centro sportinguista, pelo que «valeu» no primeiro tempo.

Diferença que se confirma

O Belenenses, que já havia batido a Associação Académica por dois tentos de diferença, repetiu a dose.

Agora, porém, e ao contrário do que sucedera antes, a defesa conimbricense teve papel de relevo, merecendo louvores

Principalmente na primeira parte, os «azuis» podiam ter chegado a um resultado mais expressivo. Foram discretos, no entanto, e, por fim, quando o ataque visitante se mostrou mais afoito, chegou a admitir-se a possibilidade do empate, que não seria razoável (diga-se) e que podia, a verificar-se, vir comprometer as ainda naturais aspirações dos terceiros de Lisboa.

A Académica, amputada de dois elementos de valia na sua formação mais poderosa — o ataque — sofreu mais um revés, que a mantém num lugar secundário, modesto, mas que o «team», tal como se apresentou no domingo, dificilmente podia evitar.

Na outra banda

Além-Tejo, o Olhansense e o Unidos barreirense disputaram o jogo mais animado e interessante a que o Barreiro assistiu até agora, no presente campeão

(Conclui na pág. 7)

TUDAUTO

TUDO PARA AUTO

A maior organização do Sul,
ao serviço do automobilismo

COMPOSTA POR:

- Oficinas de electricidade, vulcanização, pintura e bate-chapa e serralheria;
- Estações de Serviço Automóvel em:

ESTREMOZ: Rossio, 48
ÉVORA: R. da República, 125-129; P. Joaquim António d'Aguiar, 12-18; Garage de recôlhos: Portes de Alconchel.

- Pronto Socorro, com guindaste duplo de cinco toneladas privativo das instalações.

Máquinas modernas — Pessoal proficiente

TUDAUTO

Organização industrial de ARCHIMÍNIO CAEIRO

ÉVORA

TRIUNFOU a idéia — acolhida com verdadeiro entusiasmo pela mocidade de Portugal — de formar tanto quanto possível nas novas gerações o gosto pelo mar, despertando-lhes o interesse por toda a actividade náutica — orgulho de portugueses — ensinando-os a amar e a compreender a razão de toda a nossa gloriosa epopeia marítima.

De novo os jovens portugueses regressam ao contacto com o mar!

A afirmação é absolutamente verdadeira e rodeia-se de magnífico significado; a resposta entusiástica da «Mocidade Portuguesa» ao ser chamada a interessar-se pelos assuntos marítimos, recolhendo os conhecimentos e a prática que permitissem continuar as nossas tradições marinheiras!

Com eles, Portugal volta ao mar!

Dirigida por uma digna figura de marinheiro, em que o culto do mar se alla a forte personalidade de oficial distinto da nossa marinha de Guerra — o sr. comandante Soares de Oliveira — a actividade dos Serviços de Instrução Náutica da «Mocidade Portuguesa» é excelente e mostra-nos com clareza o valor e a extensão de todo o magnífico entusiasmo que rodeia o desenvolvimento sempre crescente dos desportos náuticos no patriótico organismo.

Mais de 200 rapazes se preparam neste momento para as regatas escolares de remo!

Nunca este número se sonhara conseguir para uma prova de desporto náutico.

As regatas escolares de remo que disputarão em 11 de Abril próximo no nosso Tejo, constituem uma das mais significativas provas do grande interesse da juventude por tão belo desporto.



A Federação Portuguesa de Remo solicitou à «Mocidade Portuguesa» que tomasse a seu cargo a organização das tradicionais regatas de remo escolares, que algum organismo iniciara em 1925, pondo em disputa as taças «Soares Franco», «Eng.º Nobre Guedes» e «Mauperry Santos», destinadas às escolas Superiores Técnicas e Secundárias, respectivamente.

O apêlo dirigido à mocidade escolar foi o primeiro êxito das regatas, pois verificou-se um número «récord» de inscrições — 28 — sendo 5 de escolas universitárias, 4 de escolas técnicas e médias e 19 de escolas secundárias, num total aproximado a 200 estudantes, que formarão as tripulações efectivas e suplentes, mas todos sujeitos ao mesmo intenso treino e fornecendo aspecto de vida e movimento dos locais onde se efectua — junto das sedes da Associação e do Clube Naval de Lisboa, que se prontificaram a auxiliar a preparação das tripulações, e no centro especializado de remo da «M. P.», que recebeu idêntico encargo.

As provas efectuam-se de nos percursos de: 1.200 metros, para as escolas secundárias e 1.500 metros, para as escolas técnicas — em «jolles»

(Continua na pág. 11)



Um homem feliz

a quem «Stadium» deu
quatro mil escudos!...

CHAMA-SE José Ferreira Gomes, mora na travessa do Calado, à Penha de França, e é funcionário do Grémio dos Industriais de Transportes em Automóvel — o homem feliz a quem «Stadium» deu quatro mil escudos! Enviou dois cupões (n.º 9) com a indicação exacta dos marcadores dos «goals» da vitória, na última jornada da primeira volta do campeonato nacional de futebol — e, claro está, saíram-lhe quatro contos de mão beijada...

É uma pessoa de sorte! Mas nem sempre assim tem sucedido, porque isto que lhe aconteceu agora só se deu, afinal, com a «Stadium», de que é leitor assíduo; e leitor afortunado...

Tem concorrido a organizações de outras empresas jornalísticas; mas ao concurso do «Goal» da Vitória foi a terceira ou quarta vez que o fez — e logo com os melhores resultados! Claro que ficou encantado com o prémio — o que é absolutamente natural, nesta altura, em que as coisas vão mal para toda a gente! E — confessou-nos mesmo — também a circunstância de lhe ter saído a «Sorte Grande» no nosso concurso o surpreendeu; é que o sr. Gomes não esperava por ela... tantas as vezes que tem entrado noutros concursos sem que, ao menos, lhe saísse o mesmo dinheiro!!! Os seus colegas da «Gita» igualmente ficaram radiantes

(Continua na página 14)



NO CAMPEONATO DA ALA 2 da «M. P.»
Fase do jogo Pupilos-Marquês de Pombal que o
primeiro ganhou por 2-0



NO PORTO: A «PROVA DE ABERTURA» de ciclismo



Os «independentes»



Os amadores seniores e juniores

Dois aspectos do festival de do-
mingo no Campo Grande, organi-
zado pela secção de ciclismo do
Benfica



Os três 1.ºs classificados
dos «independentes»

Império dos Santos

ganhou a Prova de Abertura

A primeira «saída» da época revestiu-se de grande expectativa, para a qual correu, em grande parte, o facto de Império dos Santos, um dos melhores corredores da época finda, ter mudado bruscamente de camisola. Ainda na véspera da prova o registo das inscrições enviado aos jornais dava o valoroso ciclista na equipa azul-branca; abruptamente, apareceu, sorridente e bem disposto, com a camisola encarnada...

É difícil de descrever o alvoroço que tal modificação produziu no público. Para muitos era um sonho, transformado em amarga realidade; para outros, um renascer de esperanças — que o resultado da prova se encarregou de confirmar.

De maneira geral, o ciclismo lucrou imenso com o «volte-face». Há assim, presentemente, equipas bem equilibradas, que dão jus a que se espere luta animosa. Especialmente em pista, é legítimo aguardar pugnas de merecimento, porquanto é relativamente bem equilibrado o número de valores espalhados pelos clubes concorrentes. Salvo melhor e mais douda opinião, todos terão a lucrar. Vai talvez findar o reinado da vitória pela certa...

Na prova de abertura, o lote dos consagrados reuniu 10 unidades, a saber: Pereira e Império, pelo S. C. Salgueiros; Aniceto e Cardoso, pelo F. C. P.; Esteves e Pardal, pelo Sangalhos; Rogério, Jerónimo, Vieira da Costa e Belmiro Correia, pelo Académico.

Só seis conseguiram passar o fio de chegada, tendo os restantes desistido por avarias mecânicas.

A pouca quilometragem da prova não dá margens para um estudo seguro das possibilidades dos estradistas, tanto mais que as tentativas de «fuga» não tiveram consequências, talvez pela pouca segurança daqueles que as tentaram. Apesar disso, Império, Jerónimo e Pardal forneceram os melhores momentos da prova, parecendo estar mais bem preparados.

Nas categorias inferiores também não há destaque especial, porque um acidente estúpido inutilizou alguns dos corredores que tinham justas pretensões.

Só em «iniciados» se verificou maior homogeneidade, pois cortaram a meta todos os que partiram.

Lugares de honra:

Independentes: 1.º Império dos Santos, Salgueiros, 1 h. e 30 m.; 2.º Aniceto Bruno, F. C. P.; 3.º José Pardal, Sangalhos — todos com o mesmo tempo.

Sêniores: 1.º Joaquim Mendes, Custosia, 1 h. e 47 m.; 2.º Arnaldo Ferreira, F. C. Porto. Os restantes desistiram em virtude de uma colisão ocorrida na serra de Valongo.

Juniões: 1.º Serafim Walgood, F. C. P., 1 h., 45 m. e 51 s.; 2.º Francisco Castro, idem; 3.º Manuel Caetano, Matosinhos.

Iniciados: 1.º Marçal Ferreira, F. C. Porto, 1 h. e 1 m.; 2.º António Carlos, ind.; 3.º Onofre Tavares, F. C. P.

LEOPINUS

Stadium na Capital do Norte

O PORTO E OS DESPORTOS

NUNCA o burgo tripeiro deixou por mãos alheias o seu valor, o seu heroísmo, a sua tenacidade e as suas possibilidades. Cioso dos seus pergaminhos e estonteado pelos triunfos conseguidos, o Porto tem dado as mais amplas e positivas provas de quanto pode fazer mercê do seu próprio esforço.

E sem falar em outros aspectos da vida cidadina, por deslocados, vamos referir-nos somente ao seu labor e acentuada dedicação pela causa desportiva, à qual tem dado, e continuará dando, as mais sobejas provas de afecto e de carinhosa protecção, pelo desvelo com que tem recebido tantas modalidades novas, que nê se acolhem a fim de germinarem e darem sazonados frutos.

Pondo de lado tudo quanto possa dizer respeito ao desporto-rei, a essa modalidade que é ainda hoje o ídolo das multidões, devemos lembrar a maneira como acolheu e fez desabrochar algumas outras que, sementeas em terreno de má cultura, teriam sossobrado e desaperaçado.

Uma delas — sem dúvida a que mais deve à cidade do Porto, porque aqui foi nada e criada e ensaiou os primeiros passos, dêbeis de início e mais fortes depois — é o «handball».

Foi protegida e amparada com todo o cuidado — ainda com todo o anseio principiou a descer ao terreno de jogos, primeiro esmolando um bocadinho de terreno para mostrar as suas habilidades, depois já a querer disputar um lugar ao sol ao lado do seu irmão mais forte — o futebol.

E de tal modo cresceu e se fortificou que, por seu intermédio, o Porto comanda ainda hoje todo o país nesta modalidade.

Mais outra encontrou aqui terreno propício para se desenvolver, tanto e tão bem que conseguiu este ano trazer para a Cidade Invicta um título máximo: o «basketball». Mal nos primeiros tempos, melhor mais tarde, está hoje radi-

calmente enraizada na multidão dos desportistas e amadores do desporto, emparceira com as modalidades que mais público atraem para os terrenos de luta, tem foros máximos na publicidade e cada vez se agiganta mais.

Mercê do cuidado com que é tratada por alguns agrupamentos, a modalidade da «bola ao chão» tem terreno seguro debaixo dos pés.

E se a cidade do Porto não tem um Sport Algés e Dafundo em natção, tem, entretanto, um Fluvial e um Sport em remo. Se a bicicleta e o atletismo não são o seu forte, possui, contudo, elementos em destaque nas duas modalidades, que honram sobremodo a cidade.

Em tôdas as modalidades desportivas praticadas em Portugal, a cidade do Porto, altaneira e orgulhosa das suas tradições, procura marcar a posição que lhe cabe, acompanhando o desenvolvimento e acertando o passo com a sua irmã mais afortunada: a cidade de Lisboa.

Por isso os torneios inter-regionais têm forte razão de existir, quanto mais não seja para que o consequente intercâmbio sirva para melhor e maior estreitamento dos laços fraternais que unem os dois mais importantes centros desportivos portugueses.

E como há tudo a esperar da boa orientação dos desportos em Portugal, em prol de uma raça mais forte, eis a razão por que jornais e jornalistas dedicam à Educação Física horas e horas de labor insano e profundo.

Quer a imprensa diária, quer a da especialidade, têm cumprido larga tarefa — a de pugnar pelo desenvolvimento do desporto em Portugal, como meio excelente e eficaz, quando bem encaminhado e servido por uma propaganda inteligente, para o desejado revigoração do povo português.

E esta razão justifica tudo.

MARIO AFONSO

À porta da «Brasileira» ou do «Excelsior»

O meu amigo S. L. é um desportista 200%. E digo assim porque é praticante e escrevinhador. Tem, por vezes, coisas interessantes, «saídas» de bom gosto. Há dias encontrei-o... «à porta do «Excelsior». Falou-se do sol, da chuva, da guerra e, finalmente, caímos no «calvário» do desporto. Narrou-me um facto, outro, mais outro — e como eu me quedasse mudo, saiu-se com esta: — Ó F. I. Porque não escreve você um artigo com este título: «As «bactérias» do desporto?»

Nem lhe respondi. Mas o nosso bom amigo, cada vez que me encontra, lá se sai com a dêle: — «Não te esqueças das «bactérias» do desporto!»

Dizem que uma sisma é pior do que uma doença. Livra!

O J. A. T. é o que se chama um dirigente dinâmico. O «seu» V. G. dá-lhe horas de alegria e horas de tristeza. Frequenta com certa assiduidade os cafés da baixa, especialmente aqueles onde se fala de desporto.

Encontrei-o, um dia passado... — «à porta da «Brasileira»...

Lá dentro o riso esufiava, as caras tristonhas do Pinto, do Moreira, e de todos os outros Pintos e Moreiras que são F. C. P., desde a medula dos ossos à raiz do cabelo, tinham virado. Andava no ar uma carícia de felicidade. O ambiente era outro, mais acolhedor, mais confiante.

O J. A. T., que vinha a sair, confidenciou-me:

— «Esta «Brasileira», quando o Porto ganha — parece outra!».

Olhei para êle, fitei-o e sorri... Sorri, porque não sabia se a cara alegre do J. A. T. era de comentário à sua graça, se satisfação pela vitória do V. G. com os «Belenenses», em basketball... Porque seria?

Os críticos da especialidade andam um pouco fora dos assuntos do «handball»... A Associação do Porto, de parceria com Edgar Fernandes e dr. Paulo Sarmento, começou a sua tarefa de carácter técnico com uma série de palestras, na sua sede — ensinamentos de ordem geral aos «novos» árbitros do «handball».

E, assim, tem havido tôdas as quartas-feiras, numa sala do Sport Clube do Porto, «reuniões» preliminares, com interpretações às leis do jogo. Dois professores de «handball» argumentam os seus temas e apresentam aos «novos» árbitros conceitos técnicos, indispensáveis para a sua missão. Como espectador, anotámos dois aspectos curiosos: o interesse dos «novos» árbitros e a facilidade com que os dois «professores» discutiam os «casos»... Coisas novas, imprevisíveis — um conjunto de ensinamentos técnicos muito úteis nos alunos.

— A ida de Eliseu, médio-esquerdo do Académico, para o Sporting Clube de Portugal — está um pouco confusa. Na sua visita ao norte, o enviado especial do Sporting Clube de Portugal, Queiroga Tavares, colheu... ligeiras impressões dos dois directores do Académico. Está positivamente encravada... a deslocação de Eliseu, para o sul — por agora.

— Outro jogador, de plano secundário, indigitado para o Estoril-Praia: Barbosa, interior esquerdo do Boavista. Uma situação definida — segundo ouvimos dizer — motivou, em parte, a mudança de ares...

— A equipa de atletismo do F. C. do Porto conta com mais uma aquisição de valor, vinda do Benfica — Luis Alcides.

— Muitas transferências, no final da época futebolística! Nota-se já muito movimento... nos dois melhores agrupamentos do Porto. A presença de Carlos Pratas, extremo-direito do F. C. do Porto, no café Excelsior — o quartel general dos acadêmistas — sugeriu certa dúvida no meio desportivo...

— A retirada de Rafael é concreta: na próxima época o defesa do Académico — vai descansar... Dizem mais: volta à sua terra natal, para tranquilizar o espirito...

— O «basketball» portuense continua com mais «casos» de secretaria. Coube agora ao Clube Náutico do Porto «discordar» de uma determinação disciplinar... aplicada a Francisco Fontes.

A «Questão» entre o Náutico e a Associação vai ser esclarecida no sul — na secretaria da Federação.

— No mesmo pé da época passada — a situação anormal do Clube Escola Náutica!... Tem de intervir outro organismo, com «poderes» superiores, para solucionar o «acto» do Náutica. A natção portuense — infelizmente em decadência manifesta — está a sofrer com a suspensão do clube ribeirinho.

— O campeonato regional, reservas de «hockey» em campo, tem já o seu campeão — o Académico, do Porto.

Está em boas mãos o «título».

DR. ALVARENGA

Assine a Revista «Stadium»

3 meses Esc. 19\$50
6 » 39\$00
12 » 78\$00

Os angolanos Telmo e Franco

dois novos "recrutados" do Sporting

As nossas colónias continuam a contribuir com «foot-balls» para os «teams» do continente; e o Sporting, nesse género, leva a palma aos outros clubes... Depois de Peyroteo e Paciência — que têm dado boas provas e atingiram a craveira de «internacionais» — e de Norberto Franco, chegam-nos, agora, mais dois jogadores, ambos de Luanda: Telmo e Franco Júnior, qualquer dêles aureolado de boa fama e ambos destinados ao Sporting. E dêste modo engrossa a lista de jogadores vindos do ultramar, entre os quais se contavam já Espírito Santo, Brito, Viroscaas, Larzén, Eliseu, Guia Costa e outros — para não falarmos daqueles que fazem parte das hostes sportingistas...

Telmo Pereira e Franco Júnior — adversários em Luanda — chegaram há poucos dias a Lisboa, no «Mousinho», e já mostravam suas aptidões nos treinos do clube do Lumiar, ao que parece com satisfação dos entendidos na matéria; e do primeiro diz-se até que pode vir a ser um bom substituto de Pirez...

«Stadium» vai apresentá-los.

TELMO

É um rapaz alto e esguio, de perna fina, ao jeito do conhecido atleta Matos Fernandes. Chama-se Telmo Vaz Pereira. Nasceu em Mossamedes. Tem 29 anos e veio do Sporting de Luanda, onde desempenhava as funções de capitão geral e treinador. Jogava invariavelmente a interior ou a «center-forward», mas, por funções dos seus cargos, alinhava em qualquer lugar — mesmo a médio ou à defesa, onde «calhava» e era preciso «tapar» qualquer buraco... Dizem-nos que Telmo é uma malabarista do esférico, que domina com impressionante facilidade. Do que não resta dúvida — pelo que lhe vimos fazer num treino — é de que se trata de um jogador hábil, de um elemento de valor para qualquer «team» de primeiro plano.

Joga futebol há 17 anos. Começou em 1926, no Atlético de Mossamedes, conservando-se ali durante dois anos; depois transitou para o Sporting, também de Mossamedes. E em 1935 «mudou» para o Sporting de Luanda. E, portanto, um «leão» africano, de raça — pois defende as cores sportingistas desde os 17 anos...

Mas Telmo — considerado um dos melhores «forwards» angolanos — não pratica somente o futebol. Outros desportos o atraíram também: o «basket» e o «handball», a natação e o atletismo. Nesta última especialidade conta apreciáveis triunfos e o «record» de Angola dos 80 metros, categoria de júniores. É um bom «springer» e saltador. Ostenta ainda os títulos angolanos de 80, 150 e 3 x 80 metros e do pêsso.

— «Como veio parar à uséde?»
E Telmo — que mede as palavras... — responde:

— Vim para o continente por intermédio de Peyroteo, de quem sou muito amigo e que foi meu companheiro de «team», em Luanda, como também o eram Paciência e Norberto. Chego talvez um pouco tarde — pois reconheço que

já não sou nenhuma criança... — mas ainda a tempo de prestar bom serviço! Assim o espero, pelo menos. Claro que sei as dificuldades que vou ter: de «acimação», em especial, porque o futebol do continente difere daquele que se joga em Luanda, atendendo ao que já vi e aos treinos que fiz. Mas tenho fé no futuro — e se não me der bem voltarei a Luanda, onde tenho, em aberto, o meu lugar de funcionário de Finanças...

«Apenas vi um jogo, o Unidos-Sporting, e um treino do «team» nacional. E notei a diferença — para melhor — do futebol do continente em relação ao do ultramar; aqui joga-se com mais dureza e velocidade, enquanto, em Luanda, sucedia o contrário: menos aspreza na luta, e, consequentemente, mais «movimentação». Quando



Telmo e Franco Júnior

treinei, achei o terreno «macio» — talvez por não estar habituado; a verdade é que na altura das chuvas (e no litoral de Luanda chove poucas vezes) estamos nós no «defeso»; e eu vim encontrar, aqui, um tempo chuvoso, impróprio, disseram-me, da quadra! Quanto a jogadores, agradaram-me, especialmente, Carlos Pereira e Mourão — dois «tipos» diferentes. Também gostei do Unidos, que pratica bom futebol, mas cujos avançados não sabem «realizar» — ao contrário dos do Sporting...

«Espero ansiosamente que me dêem a oportunidade...» e então a crítica dirá o que pensa a meu respeito! Entretanto, continuo no período de preparação, porque me sinto ainda «abalado» pela viagem e pela mudança de ares...

FRANCO

É o contraste do companheiro: um rapaz mais baixo que alto e que à primeira vista parece de compleição forte. Tem 26 anos e nasceu em Luanda. Jogava no Ferroviário, delegação do Belenenses. Jogava não é bem o termo, pois jogou sempre ali, desde o «infantilo» — e desde 1935. É «center-half» e não conheceu nunca outro lugar: por ele foi seleccionado três vezes pelo «team» de Luanda, sempre contra Benguela. Conquistou três campeonatos da Província — em 1939, 1940 e 1942.

José Joaquim Franco Júnior veio para o Sporting por intermédio de Norberto Franco. Foi sempre adversário de Telmo — e talvez venha a ser, de futuro, seu companheiro de equipa... Em Luanda empregava-se na Imprensa Nacional; e veio a Lisboa em gozo de férias — até ver...

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

(Conclusão da pág. 3)

nato. As duas equipas, desenvolvendo agradável toada de «associação», deram trabalho ao rapaz do marcador, com nove «goals», mais ou menos alternados, e conservaram o interesse dos espectadores até final. O Olhanense tomou três vezes a dianteira. Os campeões de Setúbal, uma. Só o quinto desempate não obteve resposta. A vitória dos algarvios, pela tangente, aceita-se sem rebuço. Mas a igualdade, por tudo e em tudo, talvez tivesse sido o desfecho ideal.

Interesse regional

Futebol Clube do Porto e Leixões disputaram um jogo de interesse exclusiva e reinatamente local. Nem uma surpresa podia interessar — a não ser pela curiosidade...

O vencedor previsto tardou em encontrar o caminho das redes. Consentiu um «goal» após já ter marcado o seu segundo. Por fim, as coisas passaram-se como era natural... E o resultado deve estar certo, a marcar a distância que separa presentemente as duas equipas: uma que pode mais que aquilo que tem patenteado e outra que tem sido a portadora modesta da «lanterna vermelha» — que já não deixará...

Apontamentos à margem

— Araújo, do F. C. P., que alinhou a interior direito, foi o «recordman» de bolas da jornada. Apontou quatro das obtidas pela sua equipa.

— O Belenenses continua a não consentir «goals» nos encontros disputados no seu terreno. E já são cinco. Fora, também já duas vezes regressou com as suas balizas virginais...

— O Unidos é o concorrente que mais vezes tem podido alinhar sem alterações. No domingo formou outra vez o mesmo «onze».

— O primeiro minuto após o recomeço foi fatal para os vencidos nos jogos mais importantes da jornada. O 3.º ponto do Sporting e o 4.º do Vitória, alcançados nessa altura, tiveram influência decisiva no desfecho das «operações»...

CARLOS CORREIA

A nota saliente da 12.ª «ronda» do torneio menor da F. P. F. foi dada pelas primeiras derrotas do União Coimbra, Académico de Viseu e Estoril Praia.

— «Somente o futebol me interessa como desporto; nunca pratiquei qualquer outro; e joguei sempre a médio centro, desde 1938 em «teams» de honra. Não sei o que poderei fazer, aqui, mas tentarei cumprir, na medida das minhas capacidades. Vi apenas o Unidos-Sporting. Fiquei bem impressionado com o jogo e gostei de Mourão, Cruz, Canário, Barrosa, Cardoso, Azevedo, Tangaño e Carlos Pereira. E agora aguardo a ocasião de ser chamado...»

Assim falaram os dois novos elementos do Sporting. Esperemos que nas suas estreias confirmem aquilo que dêrcia do valor de qualquer dêles nos disseram.

JORGE MONTEIRO

Mas, por coincidência, nenhum dêstes clubes perdeu a invejável posição de «leader», como não deverá deixar fugir o ensejo de passar à segunda fase da prova.

Entre os minhotos não se verificaram alterações de vulto. Os dois clubes da frente da classificação, o Famacão e o Sporting de Braga, embora jogando fora de casa, ganharam, mantendo as suas posições: os famacenses em primeiro lugar, com um ponto de vantagem sobre os bracarenses. O Vianense também não conseguiu ganhar, a despeito de jogar no seu terreno. Foram, portanto, os visitantes que estiveram em evidência.

O Sanjoanense, favorito do seu agrupamento, encontrou da parte do Oliveirense séria resistência, como o próprio resultado indica — uma vitória pela tangente. Tanto lhe bastou, porém, para assegurar a sua presença na fase mais importante da competição.

Entre os filiados da A. F. Coimbra, o jogo Naval-União teria excepcional interesse se os figueirense não se tivessem deixado surpreender oito dias antes. Desta maneira, a vantagem dos comimbricenses, por demasiado folgada, não era de moide a causar apreensões pelo jogo da Figueira.

O que mais pode surpreender é a expressão do resultado: 4 a 0, a favor dos donos da casa.

Os «encarnados» de Viseu, perdidas as possibilidades de qualificação, nem por isso deixaram de lutar com entusiasmo, infligindo a primeira derrota a «leader» e já apurado.

Os lisboetas que se mantêm acção continuam também a mostrar-se irregulares. Dir-se-á que nunca se pode prever o desfecho da luta.

Quem pensaria que a reserva dos azuis, batida há uma semana nos Olivais, infligiria ontem ao «leader» a sua primeira derrota? O Atlético saiu-se airoso, mesmo da sua deslocação a Marvila e o Sacavenense creditou-se de boa vitória, ainda que jogando no seu campo. Os olivalenses foram pouco afortunados.

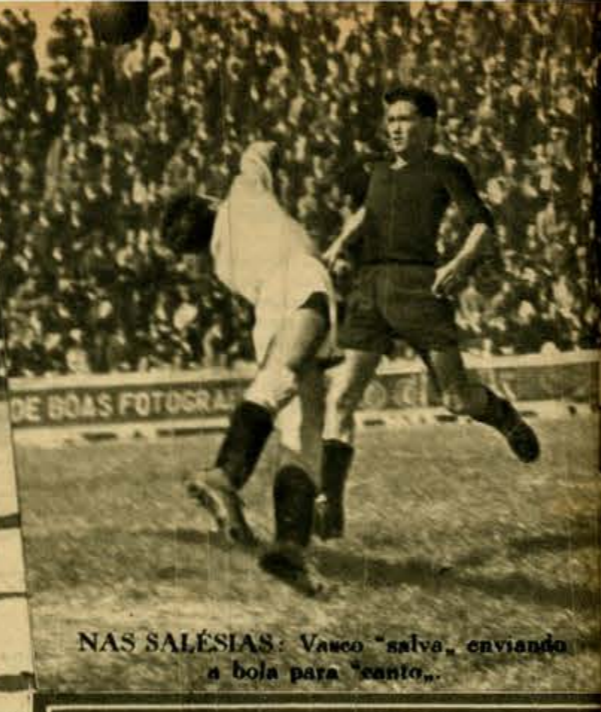
No Algarve, a luta continua renhida. A reserva do Olhanense recebeu a visita do Sporting Farense... voltou a fazer das suas, beneficiando o Lusitano de Vila Real, que venceu bem o Louletano, ficando à frente com dois pontos de vantagem dos farense e olhanenses.

Resultados: Gil Vicente-Sporting de Braga, 0-2; Vianense-Sp. Fafe, 0-2; Vitória (R)-Famacão, 1-2; Oliveirense-Sanjoanense, 1-2; Sport-Calhábé, 4-8; Santa Clara-Lusitania, 2-3; Naval-União Coimbra, 4-0; S. L. Viseu-Académico, 1-0; Sacavenense-Chelas, 4-1; Belenenses (R)-Estoril Praia, 2-1; Operário-Olivais, 1-1; Marvilense-Atlético, 2-5; Lusitano-Louletano, 4-2; Olhanense (R)-Sp. Farense, 1-0.

ZÉ DO PEÃO



NO LUMIARA: Eduardo Santos em acção sob a vigilância de Carlos Pereira



NAS SALESÍAS: Vasco "salva", enviando a bola para "canto.."



NAS SALESÍAS: Conceição marca o 1.º "goal", do Belenenses.



NAS SALESÍAS: Curiosa — mas difícil — defesa de Vasco.

O BENFICA PERDEU EM GUIMARÃES!.. ... e o Sporting aproximou-se mais do 1.º posto..



Lino, defesa varanense, em grande tarde, do desfaz...

O entusiasmo não foi do jogo de Guimarães.



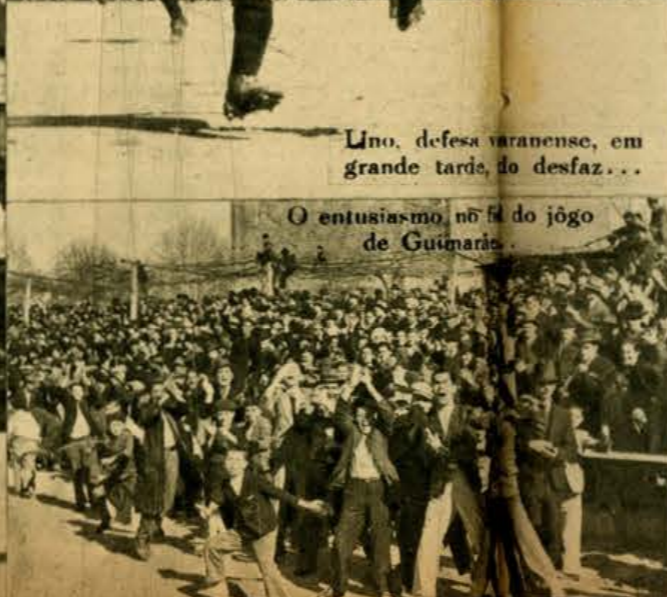
Fozzaz marca o 3.º ponto do Vitória.



NAS SALESÍAS: Vasco — que teve trabalho — mais uma vez focado em acção.



NO PORTO: A jogada de que saiu o "goal", do Leixões.



O "onze", do Vitória vencedor dos "encarnados.."



3 «CASOS»

Nestas lidas do desporto
(cega-rega permanente
em que tudo anda absortol)
vêm-se coisas terríveis...
Alguns «casos» são incoíveis
só p'ra afligir a gente!!!

... Quem havia de dizer
que o Simas viria a ter
mui severa punição?...
Depois da «consagração»
no tal banquete... «falante»
é um «caso»... arrepiante!!!
O campeão, consagrado
por todos os compatriotas,
num gesto de impaciência
mostrou os seus mais indícios!
E, por fim, foi castigado
...sem a menor clemência!

... Um grupo de «gimnastas»,
deu, em Espanha, nas vistas
num conspurco estupefante!
E eu parece que 'stou vendo
a alegria dessa gente...
Irá, assim, tão de repente
em passeio triunfal
é honra p'ra Portugal!

... Dizem p'ra ai que o Levi
se «angou» com o Canelas!!!
Mas eu cd'inda não vi
que o Beni afôssen... naquelas
«coisas» que eu ouvi dizer!
Se tal «caso» aconteceu
(ou vier a suceder!!!)
é um assunto tremendo...

... Quem dá a «bomba» sou eu!
E se não fôr? Eu emendo...
...p'ra evitar confusões!!!
Nada de atrapalhações
pois não se sabe a verdade...
Era uma calamidade
para o «box» português
se isso se desse — de vez...

ZECAS TLIO

Utilidade recomendável

A Companhia de Seguros «Ultramarina», com sede em Lisboa, teve a gentileza de nos oferecer dois exemplares da sua edição da carta corográfica de Portugal, que insere, também, o quadro das distâncias quilométricas entre as capitais de distrito do continente — com utilidade para quem viaja. Stadium agradece a oferta e regista a gentileza.

Movimento associativo

DEVE ter-se reunido antontem a assembleia geral da Associação de Atletismo de Lisboa, a fim de apreciar o relatório e contas e eleger novos corpos gerentes.

— Começam a 5 de Abril as escolas práticas de remo do Clube Naval de Lisboa, cuja instrução será ministrada, todos os dias, a partir das 18 horas, pelos srs. Heitor Costa, Miguel Cesário e Alfredo Catarino. Continua também a inscrição para as escolas de remar e timonar — embarcações de corrida — e de vela.

— No Sport Algés e Dafundo começa a funcionar no dia 3 de Abril a aula teórica de vela.

— Efectua-se hoje, às 21.45 horas, um serão cultural no Grupo Desportivo da E. N. A. E., promovido pela F. N. A. T. em colaboração com a Emissora Nacional.

Campeonato de Lisboa

Com a jornada do passado domingo começou a segunda volta.

No Campo do Fidié, o Gimnásio e o Estoril Praia empataram a 3 pontos, sob a direcção do árbitro sr. Calheiros. No grupo do Estoril, notaram-se falhas nos passes, imperdoáveis deficiências, para se conseguir regularidade e seguir um plano de jogo. Não está certo; é preciso que, quando a bola sai favorável da «smellé», depois do trabalho dos avançados, não se perca a jogada, porque a bola é mal passada. É condição necessária, para que um «team» obtenha triunfos, que os seus elementos saibam passar bem. Sem isso pouco feito. Alguns elementos de ambos os grupos, quando «placados», deixavam-se ficar com a bola, não procurando, ao verem-se inutilizados, dá-la a outro, o que impedia o grupo de progredir na jogada. Os pontos resultaram de ensaios marcados por Trigo, do Estoril Praia, e Pinto de Magalhães, do Gimnásio.

A Académica da Amadora perdeu em «casa» com o Belenenses por 12-0; pontos obtidos por Antunes (3) e Buisson (9).

No Campo Grande o Benfica bateu por 15-3 o Atlético.

A classificação ficou com o seguinte aspecto:

	J	P
Belenenses	6	18
Benfica	6	14
Gimnásio	6	13
Atlético	6	12
Estoril Praia	6	9
Académica da Amadora	6	6

Actividades da mocidade portuguesa

Continuam a disputar-se com toda a regularidade os vários torneios, das diferentes modalidades, que a «Mocidade Portuguesa» trás, presentemente, em curso.

No campeonato de futebol da Ala 2 iniciou-se o torneio da categoria B, ou seja, aquela que engloba os filiados dos 19 aos 20 anos.

O desafio que mais interesse despertou foi aquele que opunha os grupos dos Pupilos do Exército e da Escola Marquês de Pombal. O encontro disputou-se no Estádio do Lumiar. Venceram os Pupilos por 2-0.

Igualmente continuou a disputar-se, para os escalões de *infantes, vanguardistas e cadetes*, o campeonato de «volley-ball» da Ala 2 — a competição da «M. P.» que maior número de filiados abrange.

Para o campeonato reservado ao escalão de *cadetes* — o que mais recentemente começou a disputar-se — inscreveram-se 34 centros, o que demonstra eloquentemente a expansão que a modalidade atingiu dentro da «Mocidade Portuguesa».

É mais um torneio que, pelas suas características próprias, está assegurado êxito certo.

O festival marcado para o Estádio do Lumiar, e do qual faziam parte desafios de futebol e de «volley-ball», estafetas-ciclistas e provas de atletismo, ficou, em virtude da instabilidade do tempo, adiado para 18 de Abril.

Pontualidade...

HAVIAMOS deliberado tomar como motivo principal desta crónica a falta de pontualidade verificada, no decorrer da primeira jornada do Campeonato, por parte dos «teams» que a êle concorrem, antes mesmo de chegar ao nosso conhecimento a resolução severa do árbitro indicado para dirigir o encontro Benfica-«Os Treze», que não se jogou e em que ambos os grupos foram castigados por falta de comparência. Desta maneira, a nossa determinação é auxiliada pela oportunidade de tão ruidosa medida — e o valor que tal oportunidade vai emprestar a esta crónica é daquelas que cai do céu — como se dizer-se...

A nossa primitiva idéa era de chamar a atenção dos jogadores, ou daqueles que procedem de igual maneira, para uma coisa que todos parecem ter esquecido — a consideração do público que assiste aos jogos de «handball» já em número elevado. Em face, porém, da resolução severa que mencionamos, reforçamos o nosso reparo com um conselho: tenham também um pouco mais de consideração pelos árbitros, eternos alvos da bilis de todos aqueles que em vez de juizes os olham... como réus!

Pósto isto, comentemos o caso Benfica-«Os Treze».

De acôrdo com a nossa maneira de ver, a deliberação do árbitro foi justa. Segundo as suas palavras, nada temos a censurar-lhe, porquanto não é das suas atribuições pedir aos elementos que compõem os grupos o favor de começar o jogo, tanto mais que a tolerância concedida pela Associação é de dez minutos. Foi severo? De acôrdo — mas êsse capítulo pertence a outra história.

O desafio disputado entre o Sporting e o Unidos nesse mesmo dia começou com uma hora de atraso, em virtude das segundas categorias d'esses clubes terem terminado muito tarde o seu encontro. Perguntamos agora: que faria Allen Vale se tivesse sido indicado para arbitrar êsse jogo? Quem souber que responda, porque não é de admitir que o encontro de segundas categorias fôsse interrompido para dar início ao de primeiras, à hora marcada.

Mas, afinal, foi ou não justa a deliberação de Allen Vale? Foi — porque um árbitro não é servo de ninguém.

O que devemos focar é a divergência de critérios de que enfermam êsses mesmos árbitros: enquanto José Guilherme transigiu em esperar pelos jogadores das segundas categorias do Sporting e do Unidos, Allen Valle não esteve com meias medidas — guardou o apito e retirou-se...

Mudemos agora de assunto. Fricamos já no nosso último número que esta segunda jornada do Campeonato acusou três faltas: falta de comparência de dois clubes, falta de fôlego dos rapazes de Marvila e falta de três elementos no «team» do Sporting. A primeira já foi por nós analisada e a segunda torna o grupo cregador de louvores, pois se aos jogadores do Marvilense faltou poder para ripostar com mais de um «goal» aos quinze marcados pelo Belenenses, não lhe faltou espírito desportivo para enfrentar estoicamente essa «ava-

Aconvito da Confederação de Gimnástica de Espanha, desloca-ram-se para Madrid, onde se exibiram no domingo, dezto atletas — homens e senhoras — do Gimnásio Clube Português, a fim de tomarem parte num festival que ali se effectuou, promovido por aquela entidade desportiva com o maior êxito.

Foi uma dúzia de gentílimas senhoras — Maria Eduarda Reimão, Blandina Cruz, Laura Faria de Oliveira, Conchita Stchaner, Maria Luisa e Maria José Moniz Pereira, Susana Lima, Maria Adelaide e Maria Amélia Reis, Ana Duarte, Maria Adélia e Maria Margarida de Jesus — e seis homens — Severino de Melo, Carlos Jorge Gomes, Alfredo Felizardo, Joaquim Jovita, Carlos Vitória e Adolfo Garcia — que representaram o Gimnásio Clube nesta sua exibição em Espanha. Acompanharam o grupo o seu professor, Andrés Schwarz, os directores Lima Júnior, Jervis Pereira e Alfredo Cruz, e ainda Mário Mvanda, do conselho técnico. Foram estes os nomes que constituiram a embaixada «gimnástica» a terras de Espanha.

Antes da sua partida para Madrid, a deputação do G. C. P. apresentou despedidas ao sr. Director Geral dos Desportos.

Na capital de Espanha os atletas do Gimnásio exibiram-se com agrado, em vários exercícios de conjunto de gimnástica olímpica e de aparelhos, e a equipa de senhoras fez, com a desenvoltura e a graça habituais, uma demonstração de gimnástica rítmica e educativa, que provocou os maiores aplausos.

A visita de agora será retribuída por uma equipa de gimnastas espanholas, em Maio próximo, por ocasião da 5.ª Grande Semana de Gimnástica, uma organização do «velho» clube da rua Serpa Pinto.

lanche». Estão, portanto, de parabéns também os vencidos. A falta «número três» merece mais um comentário — pequeno porque o espaço não sobeja.

Ignoramos os motivos que impediram a presença no terreno de Domingos Parker, Jaime Silva e Abreu, mas acreditamos que só razões imperiosas os levaram a não prestar ao seu Clube a colaboração de que êle tanto necessitava — precisamente num encontro de tamanha responsabilidade. O certo, porém, é que se essas faltas prejudicaram grandemente o Sporting, não prejudicaram menos a propaganda da modalidade, visto que foi notório o desapontamento do público ao presenciar tão fraca exibição de «handball». Ouvimos a um dos assistentes êste desabafo: «É a primeira vez, esta época, que venho ao «handball» — e não voltarei mais!»

Isto é conclusente!

ALVARO GASPAREL

Joalheria - Ourivesaria - Relojoaria
CASA DAS BENGALAS
RUA DA PRATA 87 A 91
Tel. 20256 LISBOA

Colossal sortido em
taças de prata para
prémios desportivos

(Conclusão da pág. 4)

de 4; e de 2.000 metros para as escolas superiores, em «yolles» de 8.

A «Mocidade Portuguesa» procurará tornar estas regatas extensivas, de futuro, a outros centros de mais desenvolvida população escolar, como o Porto e Coimbra, e o resultado destas sucessivas experiências poderão dar alento à realização dos campeonatos universitários e outras provas náuticas.

Mas o incremento do desporto náutico, impulsionado assim pela «Mocidade Portuguesa», é notável em todo o país — e de todos os Centros chegam as mais entusiásticas informações acerca da sua actividade.

Por exemplo: no Porto, cujo Centro recebeu a oferta de duas embarcações, por intermédio do sr. coronel Namorado de Aguiar, comandante da Polícia daquela cidade, estão treinando 60 rapazes.

Se o remo está tendo na «Mocidade Portuguesa» tão grande animação e actividade, a vela acusa especialmente o carinho e interesse que lá se dedica também a esta modalidade.

O Centro especializado de vela de Lisboa registou este ano, durante o primeiro período de inscrição, 112 novos rapazes. Com os do ano passado — perfazem o total de 230 velejadores!

E, chegado o momento em que o interesse da nossa juventude pelos desportos náuticos é tão calorosamente afirmado, necessário se torna ir ao seu encontro, pondo em acção as medidas necessárias para que se não perca todo o trabalho já dispendido.

A «Mocidade Portuguesa» necessita ver resolvidos alguns problemas, sem cuja solução é impossível maior prosperidade e expansão.

Se não fôsse o apoio desinteressado que a «Mocidade Portuguesa» tem recebido da maioria dos clubes da especialidade espalhados por toda a provincia, não poderíamos ainda hoje referir tão elogiosamente a sua bellissima acção no desenvolvimento actual dos desportos náuticos.

Dois problemas se apresentam como obstáculos sérios, que urge resolver: o dos dirigentes e o das instalações.

O dos dirigentes, cuja falta se faz sentir momento a momento, é resultante de grande número de pormenores — a que não será estranha a impossibilidade de sujeição de muitos indivíduos ao carácter especialíssimo da organização da mocidade.

Esta exige reconhecimento da função educativa, a disciplina do espirito, abdicção de hábitos rotineiros, uniformidade de procedimentos, constante aspiração de prosperidade. Tantos requisitos de competência técnica e moral tornam difícil descobrir, por esse país fora, as pessoas que integralmente lhe correspondam. Este é um problema que não pode resolver-se por verbas orçamentais e que pela sua extrema delicadeza reclama muita ponderação, afim de impedir que qualquer deliberação seja causa de prejuizos irremediáveis para a con-



ciclismo

No «III Circuito de Lisboa», os «leões» recuperaram o seu antigo prestígio

O ciclismo de competição, mesmo praticado por amadores, cria a estes deveres e obrigações que não podem deixar de cumprir. Há que prestigiar a camisola que se veste, pois ela constitue um símbolo — a agremiação a que pertence, e há também que seguir normas de conduta que não contradigam os princípios fixados pela causa desportiva, que, só por si, obriga todos os homens que fazem desporto a possuir uma ideia nobre do que é dignidade e brio. Mas quando os corredores auferem lucros ou proventos materiais da modalidade, esses deveres e essas obrigações são maiores e, portanto, as responsabilidades de mais monta. Neste último caso não basta alinhar, correr e chegar ao fim de uma prova para se ficar tranqüilo.

Quando se pertence à categoria dos estradistas que firmam o contrato e que exigem ordenado, não há que justificar só o dinheiro que se ganha — mas demonstrar também que se merece a popularidade que se goza e que de facto se sabe prestigiar o nome da colectividade que se representa.

E que a classificação de um clube — que à critica nada interessa, pois é pormenor secundário — não pode estar à mercê de caprichos ou birras dêste ou daquele corredor. Os atletas têm mesmo a obrigação moral de tentarem por todos os meios desportivos obter o melhor lugar que puderem nas provas em que participam. O

tinuidade do esforço, ou motivo de desalento naqueles que menos responsabilidade têm: os filiados.

O problema das instalações não é menos delicado, pois continua a colocar a «Mocidade», organização oficial, na dependência de agremiações particulares — aliás bem integradas nas suas altas funções e que não têm sido avaras na concessão de facilidades!

Esta subordinação foi até há pouco proveniente da escassez de material desportivo. Mas, pouco a pouco, a «Mocidade Portuguesa» verifica nítido aumento nas suas frotas de remo e vela e desta feita vai ficando ligada à dura contingência de pedir um lugar nas instalações náuticas dos clubes para recolha da sua frota, que se compõe já de 45 «lusitos», 4 «vougas», 5 «sharpies» de 9^m e 13 de 12^m.

Estão em construção 1 «vouga» e 4 «sharpies» de 9^m. A sua flotilha de remo reúne 5 «yolles» de 4 e 5 de 8, tendo em construção 1 «outrigger» de 8. Nos centros da provincia e ilhas, há um total de 16 embarcações de vela e 9 de remo.

Rumo ao mar! — é este o grito vigoroso e entusiástico da «Mocidade Portuguesa», dizendo-nos que as novas gerações estão correspondendo com insofismável interesse ao apelo que lhes foi dirigido no sentido de orientarem a formação da sua mentalidade em íntimo acôrdo com os nossos interesses marítimos, no reatamento de uma tradição de glória que é honra e prestígio na História de Portugal.

contrário seria a negação do desporto.

Ora no domingo, na curta e relativamente fácil Volta a Lisboa, dois homens — José Martins e Eduardo Lopes — esqueceram que envergavam uma camisola de corredor e portaram-se com falta de brio e amor próprio pouco digno de desportistas que se presam.

Despeitados por uma rivalidade que não existe — e que, mesmo que existisse, deveria ser inteiramente posta de parte, por que são elementos do mesmo clube — Martins e Lopes entenderam que não se haviam de entreajudar, para que do facto nem um nem outro beneficiasse. E então deixaram-se atrasar propositadamente, fazendo da prova um passeio ciclo-turista, sem se lembrarem de que compunham uma equipa e tinham a obrigação de lutar até final das suas forças — pelo menos por consideração pelo adversário que com elles alinhou. Dessa atitude, bastante censurável, resultou o malveirense chegar em ante-penúltimo lugar, atrás de um homem que havia «furado», e Lopes ter desistido quando tinha o risco da meta já à vista!

Um interessante contraste

Valeu à prova o comportamento dos «leões» — todos, sem excepção — e dos restantes elementos da Iluminante que lhes puderam dar réplica: Raposo e Jacinto. E dêste embate derivou o mérito da competição, sobretudo o verificado a partir da Amadora, ou seja nas

alturas em que as hostes sportinguistas ficaram senhoras da situação. Unidos, sem cuidarem de saber qual dêles viria a classificar-se melhor, os homens de Armando Rodrigues, quer a atacar, para se distanciarem dos dois «caturras» da Iluminante, quer para se defenderem dos ataques de Raposo e Jacinto — este em dia grande, foram brilhantes e por isso as suas vitórias foram merecidas. E certo que a corrida foi menos «dura» que os 50 quilómetros — mas, mesmo assim, os «leões» estiveram presentes em todos os ataques. Agradou-nos até bastante a maneira pronta como João Lourenço «saltava» de roda para roda, a manter-se na «cola» de Raposo e Jacinto.

Quanto a Aristides e Inácio, este com «passo» rijo a subir, também nos deixaram boa impressão. Um pormenor a fixar: interessante de ver a futura luta na embalagem final entre Raposo e Aristides, quando estes estiverem na plena posse dos seus recursos. Não gostámos, porém, do pedalar de José de Albuquerque, que evidenciou falta de treino, e ficamos sem saber até que ponto se agüentará Bartolomeu, pois o cascaense voltou a «furar» e ficou impossibilitado de demonstrar como «anda».

Dos restantes corredores, Ferreira nada progrediu de domingo para cá, Sereno foi infeliz e Rebelo — irregular a correr como a treinar — surpreendeu-nos pela sua falta de «poder», pois descobria com facilidade, e pela maneira impassível como se deixou bater por Inácio, normalmente menos rápido e ainda por cima «tocado» por uma queda a dois quilómetros da meta.

E caso para dizermos que muito faz quem quer...

As corridas dos novos

Nos amadores a luta manteve-se animada — tão animada que o tempo do vencedor é apenas inferior em 24 segundos ao do primeiro independente. E seria bastante melhor se Guilherme Jacinto, que se havia isolado no Lumiar e seguia com todas as probabilidades de vencer, não tivesse alguns minutos à espera que terminassem uns exercícios de tiro, para poder passar na Estrada Militar. Guardado com sentinela à vista, o sintense só pôde recomeçar a prova quando os restantes companheiros de luta chegaram junto dêle. Viu-se assim batido na embalagem final por Baptista Alves e Tavares da Silva, homens mais rápidos nos últimos duzentos metros.

Os Combatentes conquistaram as primeiras classificações, colectiva e individual, na categoria de «iniciados», e a «Iluminante» conseguiu uma boa vitória por equipas sobre o Lisgás, isto contra os prognósticos, pois o agrupamento constituído pelos homens da equipa verde é mais homogêneo.

GIL MOREIRA

«GRAÇA» ANÔNIMA...

Recebemos um postal — sem indicação de localidade... — no qual um senhor — cujo nome não indica mas que se diz assinante da Stadium e parece ser um fervoroso adepto da Académica de Coimbra — escreve várias «gentilezas». Gostosamente daríamos publicidade ao bilhetinho; mas como as pessoas que trabalham aqui são correctas e ordeiras — não tendo por hábito voltar a cara a ninguém! — esperamos, para o fazer, que o nosso correspondente diga quem é.

FERNANDO SÁ





CICLISMO

DISPUTOU-SE O III CIRCUITO DE LISBOA



BELO TRIUNFO SPORTINGUISTA



Nas fotos, de cima para baixo, vêem-se: a partida dos iniciados, o grupo dos amadores seniores e juniores e a partida dos independentes.

(fotos Nunes d'Almeida)





NO III CIRCUITO DE LISBOA: 1— João Lourenço, vencedor da categoria «independentes», no momento em que corta a meta. 2— Inácio, J. Ferrelira, Rebelo, Lourenço, Albuquerque e Raposo atacam a subida para a Amadora. 3— António Jacinto — um dos três animadores da prova — em pleno esforço. 4— Inácio, que com Jacinto e Aristides deram brilho ao III Circuito de Lisboa. 5 — Um aspecto do esforço de alguns corredores no mau piso da estrada militar.

(fotos Nunes d'Almeida)



Uma conferência

A O mesmo tempo que o campismo em Portugal acusa óptimo desenvolvimento, em face da actividade dos núcleos campistas e dos inúmeros adeptos que vão surgindo por todo o país, uma propaganda entusiástica se vai promovendo, a demonstrar as vantagens e o prazer deste desporto, cuja principal finalidade é a arte de viver uma vida sã, ao ar livre.

Nesta propaganda destaca-se o Clube Nacional de Campismo, com o seu apoio, ensinamentos e conselhos aos campistas portugueses.

E, como o campismo, em Portugal, necessita ainda de maior divulgação, dando a conhecer os seus tantos benefícios, o clube está intensificando a sua acção de propaganda da modalidade.

Assim, em colaboração com os núcleos campistas de Setúbal, «Aves Migratórias», «Arrábidos» e «Amigos do Sol», realizou, na Sociedade Capricho Setubalense, uma conferência intitulada «Considerações sobre Campismo», proferida pelo presidente da direcção do clube, sr. José dos Santos Ferreira.

O conferente dissertou sobre as vantagens que todos os indivíduos podem disfrutar na prática da vida ao ar livre, exemplificando como o campismo proporciona aos que trabalham, além de revigoramento físico e moral, o desenvolvimento da sua cultura.

— A grande vantagem da vida ao ar livre — disse — é a completa actividade do corpo humano — e para isso é necessário mantermo-nos activos, com todos os nossos órgãos a funcionar. Precisamos de prestar atenção às vidas que nos rodeiam. Devemos estudar os «caracteres» das regiões onde acampamos, porque o resultado desse trabalho é ampliarmos a esfera dos nossos conhecimentos.

Historiou depois o aparecimento do campismo, baseando-o nos bivaques cujas barracas eram fabricadas, pelos povos primitivos, de peles de animais ou de cascas de árvores, até aparecerem depois as tendas que vieram até os nossos dias, como por exemplo as utilizadas pelos esquimós e índios.

E falando do campismo da actualidade:

— O precursor do campismo foi o americano Georg Sears, o primeiro escritor sobre este desporto — conhecido entre os peles vermelhas por «Nessmurk».

Em 1901, Tomaz Holding, que vivera muito tempo nos Estados Unidos, lançou o campismo na Europa, formando o Camping Club de Inglaterra, o mais velho clube do género em todo o mundo.

O campismo alastrou-se rapidamente, criando inúmeros adeptos de todas as categorias sociais e de todos os credos políticos e religiosos.

Em 1933 efectuou-se em Inglaterra o I Congresso Internacional, que se repetiu anualmente até 1939, dando aso a que se fundasse a Federação Internacional dos clubes de «camping».

Não falando nas organizações inglesa ou alemã, cujo número de inscritos se conta por centenas de milhares, o conferente citou como exemplo do valor associativo do campismo o «Camping Clube de França», que tinha antes da guer-

Um homem feliz...

(Conclusão da pág. 5)

porque sempre era um companheiro de trabalho o bafejado pela fortuna! E o sr. Gomes recebeu inúmeras felicitações — que, para estas coisas, amigos nunca faltam...

Mas o feliz contemplado — mais feliz seria, ainda, se não tivesse um outro concorrente! — não é homem que se prenda com estas ninharias. O dinheiro «nasceu» para circular — e por isso o sr. José Gomes aproveitou a ocasião, que os dias estão lindos e as noites também convidam...

O sr. José Ferreira Gomes é uma pessoa simpática, afável e bem humorada. E quando lhe perguntamos a sua impressão, de «cracada» da saída do prémio, logo ele uos diz:

— Ora! Tinha de ser... De resto, a «coisa» era facilíssima — só foi preciso um pouquinho de sorte... Tive-a. E quatro «quilos» já cá cantam! Continuarei à espera de novo «lampejo» — que me dê um prémio maior — mas só a mim... — que nisto de concursos e de dinheiros terdoam-se todos os egoísmos pelo bem que a «massinha» nos sabe...

«E olhe que estes milhares de escudos vieram numa bellissima oportunidade! Por isso não posso deixar de estar reconhecido à «Stadium» — de quem fui sempre leitor e agora mais amigo...

Para remate, diga-se que o sr. José Ferreira Gomes é de Avintes (Vila Nova de Gaia) mas foi criado em Lisboa. E é um «ferrenho» pelo Sporting e pela «Stadium», que se aquele clube lhe tem proporcionado algumas alegrias, a nossa revista deu-lhe quatro mil escudos sem grande custo e empate reduzido de capital...

Condessa de Vila Flor e Alpedrinha

Por morte de sua extremosa esposa, sr.^a D. Maria de Lourdes Correia de Sampaio Melo e Castro de Vilhena, condessa de Vila Flor e Alpedrinha, encontra-se de luto o nosso querido amigo, antigo desportista e director do Centro Nacional de Esgrima, sr. eng. D. Francisco de Almeida Manuel de Vilhena, conde de Vila Flor e Alpedrinha e chefe de repartição do Ministério da Economia, a quem Stadium acompanha no transe por que passa, enviando-lhe seus sentidos pésames.

ra 22.000 sócios e 1.500 locais privativos para acampar.

O presidente do C. N. C. apreciou depois o desenvolvimento do campismo em Portugal, terminando a sua interessante palestra com indicações e conselhos aos campistas, referindo-se especialmente às modalidades de campismo e ao que é necessário para acampar.

CÓDIGO DO CAMPISTA

3.º — Fogos. Combustível — O campista usa de preferência fogões para cozinhar os seus alimentos. Na contingência de ter de usar fogo de lenha, toma as maiores precauções, para evitar o menor risco de incêndio, nunca acendendo lume dentro de pinhais ou matas, apagando sempre com o máximo cuidado todos os fósforos e pontas de cigarros.

ATLETISMO

O «CROSS»

é um desporto de inverno!

NOS meios desportivos da capital tem causado justa admiração o facto de ainda não terem principiado as provas oficiais de «cross».

Desconhecemos as razões que têm levado a entidade organizadora — a Associação de Atletismo de Lisboa — a retardar o seu início, mas, sem querermos meter-nos em assuntos alheios, julgamos que o «cross» é essencialmente um desporto de inverno e que tem nesta estação do ano a sua época própria. Por isso, é bastante estranho que a Associação ainda não tenha dado sinal de vida, numa altura em que o programa das provas de «cross» deveria estar quasi concluído.

Em todos os países do norte da Europa, na fria Inglaterra, na própria França, mesmo em regiões da bacia do Mediterrâneo, o «cross» constitue um dos melhores espectáculos desportivos de inverno.

Ora se isto acontece em países onde o frio é rigoroso e onde os atletas marcham sobre terrenos alagados e cobertos de lama, aqui e ali atapetados por flocos de neve, de saliências e elevações difíceis de transpor, custa a compreender que sendo nós privilegiados por um clima extremamente temperado, onde o frio nunca chega a sentir-se verdadeiramente, se espere pela primavera para pôr em marcha os nossos «crossmen»!

Deste modo, os atletas que geralmente correm em estrada e em pista vêm-se prejudicados com a falta de tempo para dar o repouso necessário aos seus músculos e mesmo ao seu organismo. Além disso, depois das chuvas, os terrenos, devido à acção do calor, apresentam um piso duríssimo e que dificulta o esforço dos atletas, já com a contrariedade de terem o sol sobre as cabeças.

Só os clubes, mas casos raríssimos — Benfica e Atlético — se têm preocupado um pouco, organizando algumas provas preparatórias para seleccionarem os seus melhores valores. Mas tudo isto em vão...

Enfim — o tempo ideal para a prática do «cross» passou, sem ter sido aproveitado. E será já com calor que iremos assistir a essas belas lutas atléticas, que tanto de agrado são ver-se dentro dum bom abafado... Atraso prejudicial para todos e para a própria Associação, que vai lutar com falta de datas para organizar as provas de pista.

Embora seja já um velho hábito dar-se começo às provas de «cross» um pouco além do prazo devido, o certo é que este ano têm tardado demasiado!

Este comentário é um simples apontamento — mas que pode muito bem servir de lembrança...

CARLOS MANUEL

Homenagem a campeões

O Sport Futebol Palmense promove, no sábado, um banquete em honra dos seus jogadores que conquistaram o campeonato da 3.ª Divisão da A. F. L. Stadium agradece o convite que lhe foi feito para participar dessa festa clubista.

«STADIUM» na provincia

ALCACER DO SAL — Num encontro de futebol arduamente disputado, o Sabátia A. C. venceu o C. F. «Os Barrozinhas», por 2-1. BARROZINHA — Com o C. F. «Os Barrozinhas» defrontou-se, nesta vila, o Independente Alcacerense, de Alcácer do Sal. O desafio apenas durou 25 minutos, pois os locais abandonaram o campo na altura em que perdiam por 1-3...

CAMINHA — No Sporting procedeu-se à eleição de novos corpos gerentes, ficando a direcção constituída pelos srs. dr. Gravinho Júnior, Barbosa de Freitas, António Pires, Santos Ribeiro e Narciso Jorge.

ELVAS — Principiou o torneio de bilhar promovido pelo S. L. Elvas, sendo a tacada de saída dada pelo sr. dr. Sousa e Melo, presidente da assembleia geral do clube elvense. Na primeira noite saíram vencedores Herculano Coelho, Ermenerico Rente e Artur Constâncio S. Pedro.

FOLHADOSA — O Grupo Desportivo da Juventude Católica Folhadosense, que deixou de praticar o futebol, vai, devido à iniciativa do correspondente da Stadium, voltar à actividade.

GRANDOLA — Num desafio de futebol, entre o Grandolense e os Siñenses, triunfou aquele por 3-0.

OVAR — O Aliança adquiriu terreno para o seu parque de jogos, constituído por campo de «basketball», «court» de ténis e «rink» de patinagem. Este clube inscreveu-se no campeonato de «basket» de Aveiro.

O Desportivo da Siol formou o seu grupo de «basket».

PENAFIEL — O Sport, ganhando ao Desportivo de Portugal, somou 13 pontos no campeonato promocionário da A. F. do Pórtor, de que é actualmente o «leader».

S. PAIO (Gouveia) — Para o campeonato distrital da «M. P.», o grupo de «basket» do núcleo de Gouveia foi jogar à Guarda. Sairam vencedores os gouveenses, por 23-20.

SANTA CRUZ DA TRAPA — Com o Desportivo Santacruzense jogou aqui o Desportivo da Coberinha (S. Pedro do Sul). Os locais ganharam por 7-0.

VILA DO CONDE — O Rio Ave foi jogar ao Pórtor, com o Sport Progresso, para a «passagem» de Divisão da A. F. P. Resultado: 3-3.

VILA DA FEIRA — Em continuação do campeonato promocionário da A. F. de Aveiro, o Desportivo Feirense bateu «Os Dragões», de Sondim, por 3-2.

O CAMPISTA TESTA

está sempre à Testa

das

SORTE GRANDES

Rua do Arsenal

74-78



é ainda modalidade da simpatia do público

As primeiras competições velocipedicas de 1943 deram-nos ensejo para verificar que, afinal, o ciclismo continua a ser, apesar de tão maltratado por vezes, a modalidade que melhor serve para propaganda das grandes e pequenas colectividades desportivas — e por isso aproveitada por muitos clubes para se tornarem conhecidos do público e demonstrarem qual o grau de desenvolvimento que atingiram.

De facto, o privilégio de que goza a velocipedia — entre nós e em todas as nações civilizadas — é justíssimo. O ciclismo, contrariamente a tantas outras modalidades, vai ao encontro do público, criando adeptos e surpreendendo, no próprio local em que vivem, entendidos e profanos, interessados e indiferentes.

O desporto do pedal não necessita, como tantos outros, que o público tenha de ir a recintos próprios para assistir ao espectáculo que proporciona. É ele que por si só oferece prodigamente essa luta cheia de beleza atlética, por essas estradas fora, até aos pontos mais distantes — luta que uma vez vista jamais esquece!

Razão têm, portanto, todos aqueles que não «desarmam» com as contrariedades, e teimam, a todo o custo, em manter, dentro dos clubes que dirigem, secções velocipedicas — umas a atestarem as tradições das colectividades, outras a demonstrarem que mais faz quem quer do que quem pode...

Que bello exemplo deu o Sporting ao criar as categorias de iniciados e amadores, valorizadas por sinal com elementos de habilidade e futuro, que serão, quanto a nós, os substitutos da sua categoria de independentes! E que simpática foi a deliberação tomada pelos Combatentes, de continuar a comparecer às provas, fazendo alinhar um grupo valoroso de iniciados...

Julgamos que estes exemplos de perseverança podiam e deviam ser imitados por todos os clubes, grandes e pequenos, dentro das suas possibilidades e em relação ao seu prestígio e popularidade — que, diga-se desde já, são pormenores que também contam...

Mas sabemos — e com sinceridade o lastimamos — que em alguns clubes a paralisação de actividade velocipedica de competição é mais assunto de «critério directivo» do que propriamente dificuldades ou encargos financeiros.

No entanto, mesmo que fôsse por uma questão de economia, muitas formas há para solucionar o assunto. O caso do Sporting Clube de Portugal é concludente. A colectividade mantém equipas de independentes, amadores e iniciados com uma verba que, em relação à actividade despendida, pode considerar-se deminuta.

Ora o que sucede com os «leões» poderia dar-se com outros clubes de tanta ou mais expansão que o Sporting e com recursos semelhantes. Era questão de tentar, afim de voltarmos a ver, de permeio com as camisolas verdes-brancas e

azuis-brancas, hoje sempre na brecha, as cores azul-marinho do clube de Faraó Rodrigues, António Augusto de Carvalho, António Marques e João Francisco, e o encarnado berrante das equipas que envergaram, com tanto brilho, Alfredo Piedade, Santos Almeida, Borges, Nicolau e Aguir da Cunha e que tão modestamente serviu o autor destas despreziosas linhas.

Era um passo forte a favor do ciclismo — do desporto. Estamos certos que ninguém se arrependeria!

GIL MOREIRA

CONCURSO DO «GOAL DA VITÓRIA»

Está a aproximar-se do seu termo o concurso que «STADIUM» promoveu, com o maior êxito, entre os seus leitores, mas, apesar de esta «corrida final», não cansa o esôrdio dos concorrentes, que continuam a ser aos milhares. Isto não é exagero — porque a nossa administração chegam constantemente cupês, a demonstrar o interesse patenteado sempre pelo certame. Contudo, à medida que o Concurso do «Goal da Vitória» se aproxima do final, diminuem o número de contemplados com os prémios «menores», talvez porque se torne agora mais difícil acertar com os nomes dos «marcadores»... Mesmo assim, nos boletins n.º 10 e 11, ainda foram MIL OITOCENTOS E CINQUENTA E OITO os premiados. Veja-se: TRÊS (3) e NOVECENTOS E TRÊS (903) no boletim n.º 10, respectivamente, com MIL e QUINHENTOS ESCUDOS; CATORZE (14) com UM CONTO DE REIS e NOVECENTOS E TRINTA E OITO (938) com QUINHENTOS ESCUDOS, no cupão n.º 11. Estes números provam que o certame ainda não perdeu uma parcela sequer de interesse; e como já saíram DOIS PRÉMIOS DE SEIS CONTOS e há ainda MAIS DE UMA CENTENA de habilitados ao prémio final de DEZ MIL ESCUDOS é natural que o interesse continue...

AOS NOSSOS AGENTES: Pedimos o favor de nos enviarem, sem demora, a fim de podermos fazer a conferência respectiva e fornecer indicações necessárias para o pagamento, os nomes dos contemplados com os prémios de 30000. Igualmente solicitamos dos srs. António Coimbra Bonifácio (Olhão), Luis Vieira Montez e Joaquim Augusto Magalhães (Pôrto) e José António Ribeiro (Arrifana) o favor de nos dizerem quais as suas moradas, a fim de voltarmos a enviar os vales do correio, que vieram devolvidos, por desconhecimento de residências, respeitantes ao pagamento dos prémios de 1.00000.

Do sr. José Francisco da Silva, de Guimarães, recebemos uma carta, interessantíssima, em que nos diz prescindir das importâncias que lhe cabem em favor do primeiro cego que encontremos na rua... E elucidica: «como tenho concordado sempre e ainda não «apanhei» os seis contos, mas sim vários prémios mais pequenos — que nada significam para mim! — esse dinheiro pode muito bem servir a alguém mais necessitado, que peça a Deus pela minha felicidade e pelas da vossa revista»...

CONCURSO DO «GOAL DA VITÓRIA»

(ORGANIZAÇÃO DE «STADIUM»)

BOLETIM N.º 13

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL
13.ª JORNADA

UNIDOS — BELENENSES
BENFICA — UNIDOS (do Barreiro)
ACADÉMICA — SPORTING
LEIXÕES — VITÓRIA
OLHANENSE — F. C. PORTO

MARCADORES DO «GOAL DA VITÓRIA»

Nome do concorrente

Morada

NOTA IMPORTANTE: Os boletins que não tragam bem legíveis o nome e a morada do concorrente serão inutilizados.

Todos os boletins — Lisboa ou província — devem dar entrada na Redacção (Trav. Cidadão João Gonçalves, 19-3.º), imprerivelmente até às 18 horas dos sábados que precedem os jogos, como indicado na base 3.ª do Regulamento do Concurso.

ATLETISMO

NOs campeonatos da Finlândia, Ohtonen creditou-se do bom tempo de 3 h., 8 m. e 39 s., na prova de 50 quilómetros (Marathon).

BILHAR

DEPOIS do Portugal-Espanha — o Espanha-França. Decididamente os jogadores do país vizinho estão em evidência. É prova disso o desejo manifestado pelas Federações Francesa e Suíça de oprem os seus campeões aos melhores bilharistas espanhóis.

O Espanha-França está já fixado para fins de Abril, em Barcelona.

BOXING

O campeão romeno dos meios-pesados, Georgesco, há anos detentor do título, foi recentemente batido por Constantin Cionoin, aos pontos, ao cabo de doze assaltos. Este resultado constituiu verdadeira surpresa.

CICLISMO

DISPUTO-SE, há dias, na Argentina, a clássica prova Rosário-Santa Fé, no percurso de 210 quilómetros. O italiano Bertolo foi o vencedor, gastando 5 horas e 9 minutos, à frente de numeroso pelotão, em que figuravam Di Pacco, italiano, e Emiliano Alvarez, espanhol.

ESQUI

O segundo encontro, neste ano, de que participaram as selecções universitárias da Hungria e da Suíça, foi ganho pelos suíços, representados por Schmidt, Nicoli e Pierre Rieton.

FUTEBOL

O guarda-redes nacional do Chile, Sergio Livingstone, que jogava no clube da Universidade Católica, deixou a sua equipa para passar a defender as cores do Racing, de Buenos Aires. A transferência custou a bagatela de 360.000 pesos, ou sejam mais de quatro mil contos — a «taluda» do Natal...

Está formada a equipa suíça que, em Zurich, no próximo dia 4 de Abril, defrontará a selecção da Croácia: Vhuber; Minelli e Guerne; Springer, Vernatti e Rickembach; Bickey, Friedlander, Amado, Walacek e G. Abey.

LUTA

NAS Canárias disputou-se recentemente o torneio de luta inter-regiões. A selecção de Tenerife venceu a de Las Palmas por 15 a 8.

PING-PONG

A selecção de Westfalia, no seu último encontro com a de Bajo Rhin, evidenciou claramente a sua melhor classe, triunfando por 10-2.

RUGBY

REUNI-SE, em Leeds, o Comité de Emergência da Liga Inglesa para tratar do aumento dos honorários dos jogadores durante a guerra. Halifax propôs a remuneração de 35 shillings para os jogadores da equipa vencedora e 25 para os do «team» vencido. Não se chegou a acôrdo e os honorários actuais mantêm-se: 25 shillings em caso de vitória ou empate e 15 no caso de derrota.

— A final do campeonato de rugby de França, aguardada com invulgar interesse, disputou-se há dias. Foram adversárias as equipas do Aviron Bayonnaise e do Agen, ganhando a primeira por 3-0.

TENIS

O tenis andaluz vai estar em grande actividade na presente primavera. Nada menos de quatro torneios se anunciam para os «courts» do Betis Tennis Club: o IV Campeonato de Sevilha, o Campeonato da Andaluzia (equipas), um «pentatlo» e, para depois da Feira, um encontro contra uma selecção de jogadores do nosso Algarve.

Stadium



No LUMIAR-A: Como Peyroteo "disparou," o formidável "tiro," que deu ao Sporting o seu 4.º "goal." Em baixo: à esquerda — Curiosas máscaras de Vergílesio e Peyroteo — cuja involuntária mímica parece traduzir os desejos de cada um...; à direita — Brito ganha na luta com Cardoso

(fotos Nunes d'Almeida)

